

## Os primeiros artigos de William Crookes a respeito de fenômenos espiritualistas

*William Crookes' first papers on spiritual phenomena*

JULIANA M. HIDALGO

Universidade Federal do Rio Grande do Norte | UFRN

**RESUMO** Em fins do século XIX, o cientista britânico William Crookes realizou pesquisas sobre fenômenos então chamados “espiritualistas”. Crookes propôs que alguns desses fenômenos estariam relacionados a uma nova força que chamou de “força psíquica”. Suas ideias não foram bem recebidas pela comunidade científica. O principal objetivo do presente trabalho é apresentar traduções de dois artigos de William Crookes relacionados a investigações sobre fenômenos espiritualistas. Ao longo das traduções apresentamos comentários a respeito da análise de questões envolvidas nas investigações, por exemplo, o controle de circunstâncias experimentais.

**Palavras-chave** fenômenos espiritualistas – espiritualismo – William Crookes – força psíquica

**ABSTRACT** *Toward the end of the 19th century the British scientist William Crookes accomplished researches on some phenomena that were called “spiritual”. Crookes interpreted some of those phenomena as due to a new force he called “psychic force”. His ideas were not well received by the scientific community. The chief aim of this work is to provide translations of two William Crookes' papers related to inquiries into spiritual phenomena. Along the translations we provide comments regarding analyses of issues involved in the investigations, for instance, the control of experimental circumstances.*

**Keywords** *spiritual phenomena – spiritualism – William Crookes – psychic force*

## Introdução

Em fins da década de 1840, nos Estados Unidos, fenômenos instigantes, como movimentos de objetos e pancadas em móveis, sem interferência humana aparente, foram observados na presença de duas jovens irmãs. As batidas seriam manifestações de espíritos dos mortos, dos quais se obtinham comunicações quando os golpes eram, através de um código, associados ao alfabeto. A atenção popular se voltou para reuniões em torno dos *médiums*, considerados capazes de intermediar as mensagens<sup>1</sup>.

O movimento chegou à Europa, onde ganhou expressão filosófico-científica. Espíritas e espiritualistas divergiam em vários aspectos, mas concordavam que suas crenças tinham base científica e os fenômenos podiam ser comprovados por métodos empíricos utilizados nas ciências físicas. Vários cientistas tidos como bastante influentes se dedicaram a pesquisá-los. Alguns se tornaram espiritualistas convictos, outros não, exercendo apenas o papel de pesquisadores de fenômenos psíquicos.

A década de 1870 assistiu às pesquisas do conceituado cientista inglês William Crookes. Ele se dedicou ao estudo dos fenômenos espiritualistas, procurando estudar de modo científico o que dizia ser uma “nova força” envolvida nesses fenômenos<sup>2</sup>. Durante uma longa carreira, estudos variados sobre física e química proporcionaram a William Crookes reconhecimento e vários cargos importantes em associações científicas<sup>3</sup>. Já suas ideias sobre os fenômenos espiritualistas não foram bem aceitas. Algumas críticas se dirigiram aos procedimentos metodológicos adotados durante as investigações, enquanto outras, ao próprio caráter e integridade do cientista. Crookes chegou a submeter à *Royal Society* um trabalho contendo experimentos. No entanto, George Stokes, na época secretário da instituição, apresentou objeções e se recusou a presenciá-los<sup>4</sup>.

O presente trabalho apresenta traduções para os dois primeiros artigos publicados por William Crookes a respeito de suas investigações sobre fenômenos espiritualistas.

Em meados de 1870, no artigo *Spiritualism Viewed by the Light of Modern science*, Crookes anunciou a intenção de pesquisar sobre aquele tipo de fenômeno. Apresentou regras para a condução das pesquisas e criticou duramente os espiritualistas<sup>5</sup>.

Seus resultados favoráveis à existência de fenômenos espiritualistas tornaram-se públicos um ano depois, no artigo intitulado *Experimental Investigation of a New Force*. O cientista apresentou uma montagem para testar movimentos e produção de sons por um acordeão em sessões com o médium Daniel Dunglas Home, um dos mais conhecidos na época. Apresentou também um arranjo para verificar possíveis alterações de peso de uma tábua. Estímulos e elogios iniciais recebidos pela intenção de estudar os fenômenos deram lugar a duras críticas. Recusados pela *Royal Society*, os resultados foram direcionados para o *Quarterly Journal of Science*, periódico do qual Crookes era editor<sup>6</sup>.

Um panorama surpreendente se descortina quando os trabalhos de William Crookes sobre fenômenos espiritualistas são analisados em conjunto com as suas anotações pessoais ao longo das sessões e informações relacionadas ao contexto das pesquisas na época. A investigação historiográfica indica discrepâncias entre resultados e procedimentos mencionados nos artigos e o que ocorria nas sessões segundo registros do próprio Crookes. O que teria sido omitido e por quê? Detalhes e circunstâncias que transparecem nas anotações pessoais do cientista poderiam colocar em dúvida a autenticidade dos fenômenos em um panorama de acirradas disputas<sup>7</sup>.

No presente trabalho, as traduções foram realizadas a partir dos artigos reproduzidos por William Crookes no livro *Researches into Spiritualism*<sup>8</sup>. Ao longo das traduções, as indicações entre colchetes das páginas referem-se, portanto, a essas reproduções, das quais provêm também as imagens, apresentadas nas traduções em posições compatíveis com os originais. Notas contidas nas fontes originais são também identificadas e traduzidas.

As reproduções dos artigos apresentadas no livro de Crookes contêm omissões de trechos mínimos, alguns de caráter ilustrativo. Para traduzi-los, consultamos a reprodução integral dos artigos exibida no livro *Crookes and the spirit world*<sup>9</sup>. Notas identificadas numericamente indicam tais ocorrências, bem como trazem comentários extensos sobre

trechos dos artigos, os quais examinamos à luz das anotações pessoais de Crookes e de outras fontes relacionadas às investigações.

O texto apresentado a seguir constitui um aperitivo a esse episódio bastante interessante da História da Ciência de fins do século XIX. Pretendemos revisitar-lo em futuras traduções.

## Tradução do artigo *Spiritualism Viewed by the Light of Modern Science*<sup>10</sup>

[p. 7].<sup>11</sup>

*Do “Quarterly Journal of Science”, Julho de 1870.*

*O Espiritualismo Visto à Luz da Ciência Moderna*

Algumas semanas atrás o fato de que eu estava engajado em investigar o chamado Espiritualismo foi anunciado em uma publicação atual<sup>12</sup> e, em consequência das muitas comunicações que recebi desde então, acho desejável comentar brevemente a respeito da investigação que comecei. Não é possível ter visões ou opiniões sobre um assunto que não se pretenda compreender. Eu considero ser o dever dos homens da ciência, que aprenderam os modos exatos de trabalho, examinar fenômenos que atraem a atenção do público, a fim de confirmar a sua genuinidade ou explicar, se possível, as ilusões do honesto e expor os truques dos enganadores. Mas acho uma pena que qualquer anúncio público de uma investigação realizada por alguém seja feito antes que ele mesmo se mostre disposto a falar.

É possível ser um genuíno homem da ciência e ainda assim concordar com o Professor De Morgan quando ele diz: “Eu tanto vi quanto ouvi coisas chamadas espirituais que não podem ser concebidas por um ser racional como passíveis de explicação por embuste, coincidência ou erro, de maneira tal que torna não acreditar impossível. Até aí eu sinto o chão firme debaixo dos meus pés; mas, no que diz respeito à causa desses fenômenos, percebo que não posso adotar qualquer explicação que já tenha sido sugerida... As explicações físicas que eu vi são fáceis, mas miseravelmente insuficientes. A hipótese espiritual é suficiente, mas substancialmente difícil.” [p.8].

Em relação à suficiência da explicação, não estou apto a me pronunciar. Que certos fenômenos físicos, tais como o movimento de substâncias materiais e a produção de sons que se assemelham a descargas elétricas, ocorrem em circunstâncias nas quais não podem ser explicados por qualquer lei física conhecida até o presente, é um fato do qual estou tão certo quanto do fato mais elementar na química. Toda a minha educação científica tem sido um longo aprendizado a respeito da exatidão da observação, e eu gostaria que fosse claramente compreendido que essa convicção firme é o resultado da mais cuidadosa investigação. Mas eu não posso, no momento, arriscar até mesmo a mais vaga hipótese a respeito da causa desses fenômenos. Até agora nada vi que me convença da verdade da teoria “espiritual”. Em tal [tipo de] investigação, o intelecto exige que a prova espiritual seja absolutamente incapaz de ser explicada [de outra maneira]; deve ser tão notável e convincentemente verdadeira que não podemos desafiá-la ou negá-la.

Faraday diz: “Antes que procedamos a considerar qualquer questão envolvendo princípios físicos devemos começar com ideias claras do [que é] naturalmente possível e impossível.” Mas isso parece como raciocinar em círculo: nós não podemos investigar nada até que saibamos que é possível, enquanto não podemos dizer que é impossível, à exceção da matemática pura, até que nós saibamos tudo.

No presente caso, eu prefiro começar a investigação sem quaisquer noções preconcebidas em relação ao que pode ou não pode existir, mas com todos os meus sentidos em alerta e prontos a enviar informações ao cérebro; acreditando, como eu acredito, que nós de modo algum esgotamos todo o conhecimento humano ou sondamos as profundezas de

todas as forças físicas, e lembrando que o grande filósofo já citado disse, em referência a algumas especulações sobre a força gravitacional, “Nada é tão espetacular que seja verdadeiro, se for consistente com as leis da natureza; e em coisas como essas, o experimento é o melhor teste para tal consistência.” [p. 9].

As formas de raciocínio dos homens da ciência parecem ser geralmente mal compreendidas pelos Espiritualistas com quem eu conversei, e a relutância das mentes cientificamente treinadas quanto a investigar esse assunto é frequentemente atribuída a motivos inapropriados. Penso eu, então, que seria útil se eu ilustrasse as maneiras de pensar correntes entre aqueles que investigam ciência, e dizer que tipo de prova experimental a ciência tem o direito de exigir antes de admitir um novo ramo de conhecimento em seus domínios. Não devemos misturar o exato e o inexacto. A supremacia da precisão deve ser absoluta.

O primeiro requisito é ter certeza dos fatos; então estabelecer condições; depois, leis. Precisão e conhecimento de detalhes figuram entre os maiores objetivos dos cientistas modernos. Nenhuma observação é de muita utilidade ao estudante da ciência a menos que ela seja verdadeira e realizada em condições de teste, e aqui eu acho que a grande massa da evidência Espiritualista falha. Em assunto no qual, talvez, mais do que em qualquer outro leve ao truque e engano, as precauções contra a fraude parecem ser, na maior parte dos casos, totalmente insuficiente, devido ao que parece uma ideia errônea de que solicitar tais salvaguardas significaria implicar uma suspeita quanto à honestidade de alguém presente. Podemos usar nossos sentidos exclusivamente, mas toma-se como ofensa quando solicitamos qualquer instrumental para aumentar precisão, certeza e confiabilidade dos mesmos em circunstâncias de excitação e dificuldade, e quando os sentidos naturais de alguém estão sujeitos a perder o equilíbrio.

Nas incontáveis observações registradas que eu li, parece haver poucos exemplos de encontros ocorridos com o propósito expresso de submeter os fenômenos a condições de teste, na presença de pessoas adequadamente qualificadas por treinamento científico para medir e ajustar o valor que a evidência poderia representar. A única boa série de experimentos que eu encontrei foi realizada pelo Conde de Gasparin<sup>13</sup> e ele, apesar de [p. 10] admitir a genuinidade dos fenômenos, chegou à conclusão de que não se deviam a agentes sobrenaturais.

O Espiritualista pseudocientífico professa saber tudo: nenhum cálculo perturba sua serenidade, nenhum experimento difícil, nenhuma leitura longa e laboriosa, nenhuma tentativa exaustiva de esclarecer em palavras aquilo que alegrou o coração e elevou a mente. Ele fala sem hesitação sobre todas as ciências e artes, sobrepujando o investigador com termos como “eletrobiologizar”, “psicologizar”, “magnetismo animal”, etc. – um mero jogo de palavras, mostrando mais ignorância do que conhecimento. Uma ciência popular como essa é pouco apta a guiar descobertas que movem adiante para um futuro desconhecido; e os reais trabalhadores da ciência devem ser extremamente cuidadosos a fim de não permitir que as guias caiam em mãos inadequadas e incompetentes.

Em investigações que perturbam tão completamente o observador comum, o homem da ciência de fato tem uma grande vantagem. Ele percorreu a ciência do início através de uma longa linha de erudição e ele sabe, então, em que direção está seguindo; ele sabe que há perigos de um lado, incertezas de outro, e quase absoluta certeza em um terceiro: ele vê de certa forma antecipadamente. Mas, onde cada passo é em direção ao fantástico e inesperado, precauções e testes devem ser multiplicados em vez de diminuídos. Investigadores devem trabalhar; embora seu trabalho possa ser muito pequeno em quantidade se a única compensação for pela sua excelência intrínseca. Mas mesmo nesse domínio do fantástico, nesse mundo maravilhoso para onde a pesquisa científica está enviando seus pioneiros, pode algo ser mais espantoso do que a delicadeza de recursos instrumentais que os trabalhadores trazem consigo para suplementar as observações dos seus sentidos naturais?

O Espiritualista fala a respeito de corpos que pesam de 50 a 100 libras sendo erguidos no ar sem a intervenção de qualquer força conhecida; mas o cientista químico é habituado a usar uma balança que torna sensível um [p. 11] peso tão diminuto que tomaria dez mil deles para pesar um grama; ele está, então, justificado ao pedir que aquele poder que professa ser guiado por inteligência, que levantará um corpo pesado até o teto, faça também sua balança delicadamente equilibrada se mover em condições de teste.

O Espiritualista fala a respeito de sons de batidas que são produzidos em diferentes partes de uma sala quando duas ou mais pessoas estão silenciosamente sentadas em volta de uma mesa. O experimentador da ciência é intitulado a solicitar que essas batidas sejam produzidas nas membranas esticadas do seu fonógrafo.

O Espiritualista fala a respeito de salas e casas chacoalhadas a ponto de danificação por um poder super-humano. O homem da ciência meramente pede que um pêndulo seja colocado em vibração, quando acondicionado em caixa de vidro e sustentado em sólida alvenaria.

O Espiritualista fala a respeito de peças pesadas de mobiliário se movendo de uma sala para outra sem agente humano. Mas o homem da ciência fez instrumentos que dividem uma polegada em um milhão de partes; e ele está justificado ao duvidar da precisão das observações anteriores se a mesma força for impotente para mover o índice do seu instrumento um único grau.

O Espiritualista fala a respeito de flores cobertas com orvalho fresco, frutas ou objetos vivos sendo transportados através de janelas fechadas ou mesmo por sólidas paredes de tijolos. O investigador da ciência naturalmente pede que um peso adicional (mesmo que apenas uma milésima parte de um grama) seja depositado em um prato de uma balança quando sua caixa está fechada. E o químico pede que um milésimo de grama de arsênico seja transportado através das paredes de um tubo de vidro na qual água pura está hermeticamente fechada.

O Espiritualista fala sobre manifestações de força, que seriam equivalentes a tantos milhares de “libras-pé”, ocorrendo sem agente conhecido. O homem da ciência, acreditando firmemente na conservação [p. 12] da força, e que ela nunca é produzida sem uma exaustão correspondente de algo para repô-la, solicita que algumas tais exibições de força sejam manifestadas em seu laboratório, onde ele pode avaliá-la, medi-la e submetê-la a testes adequados<sup>14</sup>.

Por essas razões e com tais sentimentos, eu comecei uma investigação sugerida a mim por homens eminentes que exercem grande influência no pensamento do país. Em princípio, como outros homens que pensavam pouco sobre a questão e viram pouco, eu acreditava que todo aquele negócio era uma superstição ou ao menos um truque não explicado. Mesmo até esse momento eu encontrei casos que não posso provar ser outra coisa; e em alguns casos tenho certeza de que é uma ilusão dos sentidos.

De modo algum prometo entrar profundamente nesse assunto; parece muito difícil obter oportunidades, e falhas numerosas certamente podem desanimar qualquer um. As pessoas em cuja presença esses fenômenos ocorrem são poucas em número, e oportunidades para experimentar com aparatos previamente preparados são ainda mais raras. Eu consideraria uma grande satisfação se eu pudesse trazer luz em qualquer direção, e posso seguramente dizer que não me importo com qual seja essa direção. Com esse propósito em mente, apelo a todos os meus leitores que possam possuir uma chave para esses estranhos fenômenos que favoreçam o progresso da verdade me auxiliando em minhas investigações. Que o assunto tem a ver com estranhas condições psicológicas está claro, e esses [fenômenos] em certo sentido podem ser chamados “espirituais” quando produzem certos resultados em nossas mentes. No momento, os fenômenos que observei desafiam explicação; assim como os fenômenos do pensamento, que são também espirituais, e que nenhum filósofo ainda compreendeu. Nenhum homem, contudo, os nega.

As explicações que me foram dadas, tanto oralmente, como na maior parte dos livros que eu li, estão imersas em tal estilo de equilíbrio afetado, em tal tentativa de disfarçar a pobreza das ideias em linguagem de grande eloquência, que eu [p. 13] acho impossível, depois de retirar o diluente espumoso, discernir um resíduo cristalino de significado. Eu confesso que o modo de pensar de alguns Espiritualistas quase pareceria justificar a afirmação severa de Faraday – de que muitos cachorros têm o potencial de chegar a conclusões muito mais lógicas. As especulações deles ignoram completamente todas as teorias de que força é apenas uma forma de movimento molecular, e eles falam sobre Força, Matéria e Espírito como três entidades distintas, cada uma capaz de existir sem a outra; muito embora às vezes admitam que elas sejam mutuamente conversíveis<sup>15</sup>.

Esses espiritualistas certamente não estão muito mais avançados do que um escritor alquimista, que diz<sup>16</sup> –

“Eu perguntei à Filosofia como eu poderia  
Ter dela o que eu queria.  
Ela me respondeu que quando eu pudesse  
Tornar a água maleável,  
Ou, de outra forma, se eu tivesse encontrado,  
Como medir uma jarda de vento;  
Então irás tu ter seu próprio desejo,  
Quando tu puderes pesar uma onça de Fogo;  
A menos que tu possas fazer essas três,  
Contenta a ti mesmo, tu não podes ter a mim.”

Tem sido meu desejo mostrar que a ciência está gradualmente tornando seus seguidores os representantes do cuidado e precisão. É uma boa qualidade aquela de pronunciar a verdade inegável. Deixemos, então, que essa posição não seja rebaixada, mas sim que as palavras se adequem aos fatos com uma precisão equivalente àquela com a qual os próprios fatos podem ser estabelecidos; e em um assunto encrustado de credulidade e superstição, deixemos que seja mostrado que há uma classe de fatos a serem encontrados sobre os quais pode ser depositada confiança, conquanto que possamos estar certos de que eles nunca mudarão. Em assuntos comuns, um erro pode ter somente uma vida curta, mas no estudo da natureza uma observação imperfeita pode causar problema infinito a milhares. O crescente emprego de métodos científicos irá promover a observação exata e maior amor à verdade entre os pesquisadores, e produzirá uma geração de observadores que levará o resíduo inútil do Espiritualismo conseqüentemente ao limbo desconhecido da magia e da necromancia.

Se os espiritualistas apenas atenderem aos ensinamentos dos seus próprios profetas, eles não mais terão que reclamar da atitude hostil da Ciência; porque ouçamos ao que Thomas L. Harris urge na sua “Lírica de um Anjo Dourado!”<sup>17</sup>

107

“Quanto mais próximo da prática os homens se mantêm –  
Menos eles lidam com coisas vagas e abstratas  
Menos eles lidam com grandes palavras misteriosas –  
Mais forte é o seu poder.  
...  
O camponês mais simples que observa uma verdade,  
E de um fato deduz princípio,  
Acrescenta tesouro sólido à riqueza pública,  
O teorizador, que sonha um sonho de arco-íris,  
E chama hipótese de filosofia,  
No máximo é só um negociador de papéis,  
Que corrompe suas promessas ilusórias por ouro.  
Fatos são a base da filosofia;  
Filosofia a harmonia dos fatos  
Vistos em sua correta relação.”

## Tradução do artigo *Experimental Investigation of a New Force*<sup>18</sup>

[p.14]

Do “*Quarterly Journal of Science*”, 1º de Julho de 1871

### *Investigação Experimental de uma Nova Força*

Doze meses atrás, nesse jornal<sup>19</sup>, eu escrevi um artigo, no qual, depois de expressar de maneira bastante enfática minha crença na ocorrência, em certas circunstâncias, de fenômenos inexplicáveis por quaisquer leis naturais, eu indiquei vários testes que os homens da ciência teriam o direito de exigir antes de darem crédito à genuinidade desses fenômenos. Entre os testes apontados estavam que uma “balança delicadamente equilibrada deveria ser movida em condições de teste”; e que alguma exibição de força equivalente a tantas “libras-pé” deveria ser “manifestada em seu laboratório, onde o experimentador poderia avaliá-la, medi-la e submetê-la a testes adequados.” Eu disse, também, que não poderia adentrar completamente nesse assunto, devido à dificuldade de obter oportunidades e às numerosas falhas que ocorrem na pesquisa; mais, ainda, que “as pessoas em cuja presença esses fenômenos ocorrem são pouco numerosas, e as oportunidades para realizar experimentos com aparatos previamente arranjados são ainda mais raras”.

Como houve oportunidades para conduzir a investigação, eu, de bom grado, as aproveitei para aplicar a esses fenômenos cuidadosos testes científicos experimentais, e, então, cheguei a certos resultados claros, os quais eu considero correto que devam ser publicados<sup>20</sup>. Esses experimentos parecem conclusivamente estabelecer a existência de uma nova força, conectada de alguma maneira desconhecida [p. 15] à organização humana, a qual por conveniência pode ser chamada de Força Psíquica.

108

De todas as pessoas dotadas de um forte desenvolvimento dessa Força Psíquica, e que têm sido chamadas “médiums”, segundo outra teoria muito diferente sobre sua origem, o senhor Daniel Dunglas Home é o mais notável, e é principalmente devido às muitas oportunidades que tenho tido de realizar minha investigação em sua presença que sou capaz de afirmar tão conclusivamente a existência dessa Força. Os experimentos que realizei foram muito numerosos, mas devido ao nosso conhecimento imperfeito das condições que favorecem ou se opõem às manifestações dessa força, à maneira aparentemente caprichosa segundo a qual é exercida, e [devido] ao fato de que o próprio Senhor Home é sujeito a incontáveis altos e baixos dessa força, raramente ocorreu que um resultado obtido em uma ocasião pudesse ser subsequentemente confirmado e testado com aparatos especialmente construídos para esse propósito.

Entre os fenômenos mais notáveis que ocorrem sob a influência do Senhor Home, os mais impactantes, e ao mesmo tempo os mais facilmente testáveis com precisão científica são (1) a alteração de peso dos corpos, e (2) a produção de melodias em instrumentos musicais (geralmente um acordeão, por conveniência de portabilidade) sem a intervenção humana direta, em condições que tornam o contato ou conexão com as teclas impossível. Não me tornei de fato convencido sobre sua objetividade antes que eu tivesse testemunhado esses fatos algumas meias dúzias de vezes e os escrutinado com toda a habilidade crítica que possuo. Ainda assim, desejando afastar qualquer sombra de dúvida a respeito do assunto, eu convidei o Senhor Home em várias ocasiões para vir à minha própria casa, onde, na presença de uns poucos investigadores científicos esses fenômenos pudessem ser submetidos a experimentos cruciais.

Os encontros ocorreram à noite em uma sala ampla iluminada a gás<sup>21</sup>. O aparato preparado para o propósito de testar os movimentos do acordeão [p.16] consistiu em uma gaiola formada por duas faixas de madeira, respectivamente, de 1 pé e 10 polegadas e 2 pés de diâmetro, conectadas juntas por 12 tiras estreitas, cada uma com 1 pé e 10 polegadas de comprimento, de maneira a compor uma estrutura em formato de tambor, aberta no topo e na parte inferior; em torno dessa [gaiola], 50 jardas de fio de cobre isolado foram enroladas perfazendo 24 voltas, cada uma a menos de uma polegada da [volta] vizinha. Essas faixas horizontais de fio foram, então, amarradas juntas, firmemente com corda, formando nichos menores que 2 polegadas de comprimento e 1 polegada de altura. Tal era a altura dessa

gaiola que apenas se podia escorregá-la para debaixo da minha mesa de jantar, mas ficava perto demais do topo da mesa para que uma mão pudesse ser introduzida em seu interior ou um pé ser empurrado por debaixo dela. Em outra sala estavam duas células de Grove<sup>22</sup>, sendo os fios puxados delas até a sala de jantar para conexão com a fiação envolvendo a gaiola, se desejável.

O acordeão era novo, tendo sido comprado por mim mesmo para o propósito desses experimentos na Wheatstone's na Rua Conduit. O Senhor Home não havia manipulado ou visto o instrumento antes do início dos testes experimentais.

Em outra parte da sala um aparato foi elaborado para investigar a alteração do peso de um corpo. Consistiu em uma tábua de mogno de 36 polegadas de comprimento por 9 ½ polegadas de largura e 1 polegada de espessura. Em cada extremidade uma faixa de mogno de 1 ½ polegada de largura foi parafusada formando um pé. Uma extremidade da tábua foi repousada sobre uma mesa firme, enquanto a outra extremidade foi apoiada em uma balança de molas pendente de um tripé robusto. A balança foi dotada de um índice para registro automático de forma que ela marcaria o peso máximo indicado pelo ponteiro. O aparato foi ajustado de maneira que a tábua de mogno estivesse horizontal, seu pé permanecendo plano sobre o suporte. Nessa posição o peso era de 3 libras, como marcado pelo ponteiro da balança<sup>23</sup>.

Antes que o Senhor Home entrasse na sala o aparato foi preparado e nem mesmo o objetivo de algumas partes foram explicadas a ele antes que se sentasse<sup>24</sup>. [p.17].

Talvez seja importante acrescentar, com o propósito de antecipar algumas observações críticas que possivelmente serão feitas, que durante a tarde eu procurei o Senhor Home em seus aposentos, e quando eu estava lá ele sugeriu que, como ele tinha que trocar de roupa, talvez eu não me opusesse a continuar a nossa conversa no quarto dele. Posso, então, afirmar positivamente que nenhum mecanismo, aparato ou equipamento de qualquer tipo estava escondido na pessoa dele<sup>25</sup>.

Os investigadores presentes na ocasião do teste eram um físico eminente, de alta posição na Royal Society (Sir William Huggins, F. R. S.), um conhecido *Serjeant-at-Law*<sup>26</sup> (*Serjeant Cox*), meu irmão e meu assistente de química<sup>27</sup>.

O Senhor Home sentou numa cadeira baixa confortável ao lado da mesa. Na frente dele, debaixo da mesa, estava a referida gaiola, cada uma das pernas dele em um dos lados da gaiola. Eu me sentei perto dele à esquerda, e outro observador sentou perto dele à direita, o restante da audiência estando sentada a distâncias convenientes em torno da mesa.

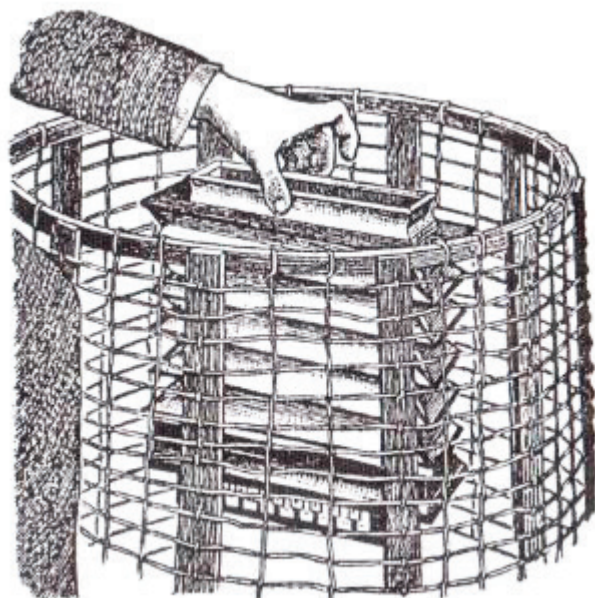


FIG. 1.

Figura 1 – Teste com gaiola e acordeão.

Fonte: CROOKES, 1953 [1874], op. cit., p. 18.

Durante a maior parte da noite, particularmente quando alguma coisa de importância estava ocorrendo, os observadores de cada lado do Senhor Home mantiveram seus pés, respectivamente, sobre cada um dos pés dele, de forma a serem capazes de detectar seu menor movimento.

A temperatura da sala variou de 68º a 70ºF.

O Senhor Home pegou o acordeão entre o dedo polegar e indicador de uma mão na extremidade oposta às [p. 18] teclas (ver recorte, Fig. 1), (para evitar repetição, essa maneira será subsequentemente nomeada “de forma usual”). Havendo eu mesmo previamente aberto o teclado de baixos, e a gaiola tendo sido puxada [de debaixo] da mesa somente o suficiente para permitir que o acordeão passasse com suas teclas viradas para baixo, ela foi empurrada de volta tanto quanto o braço do Senhor Home permitiria, mas sem que sua mão ficasse escondida



de quem estava próximo dele (ver Fig. 2). Logo depois o acordeão foi visto pelos que estavam em cada lado oscilando de forma um tanto curiosa; então sons vieram dele, e, finalmente, várias notas foram tocadas em sucessão. Enquanto isso estava ocorrendo, meu assistente foi para debaixo da mesa e relatou que o acordeão estava se expandindo e se contraindo; ao mesmo tempo, observou-se que a mão do Senhor Home que o segurava estava completamente parada, sua outra mão repousando sobre a mesa<sup>28</sup>.

Em pouco tempo o acordeão foi visto por aqueles que estavam em ambos os lados do Senhor Home se mover, oscilar e dar [p. 19] voltas e voltas dentro da gaiola, ao mesmo tempo em que tocava. O Dr. Huggins então olhou debaixo da mesa e disse que a mão do Senhor Home parecia estar totalmente imóvel enquanto o acordeão se movia emitindo sons distintos.

Enquanto o Sr. Home ainda estava segurando o acordeão da maneira usual na gaiola, seus pés seguros por aqueles próximos a ele, e sua outra mão em repouso sobre a mesa, nós ouvimos notas distintas e separadas ecoando em sucessão, e então uma ária simples foi tocada. Como esse resultado somente poderia ter sido produzido pelas várias teclas do instrumento sendo acionadas em sucessão harmônica, esse foi considerado por aqueles presentes como um experimento crucial. A sequência, no entanto, foi ainda mais notável, porque o Sr. Home, então, removeu totalmente a sua mão do acordeão, retirou-a completamente da gaiola e colocou-a sobre a mão da pessoa próxima a ele. O instrumento, então, continuou a tocar, sem que houvesse contato com qualquer pessoa, nenhuma mão estando próxima a ele. [p. 20].



FIG. 2.

Figura 2 – Posição do médium durante o teste do acordeão.

Fonte: CROOKES, 1953 [1874], op. cit., p. 19.

Eu agora desejava verificar qual seria o efeito de passar a corrente da bateria pelo fio isolado da gaiola, e o meu assistente, para isso, fez a conexão com os fios das duas células de Grove. O Sr. Home novamente segurou o instrumento dentro da gaiola da mesma forma como antes, e ele de imediato emitiu som e se moveu vigorosamente. Contudo, se a corrente elétrica passando em torno da gaiola auxiliou a manifestação de força dentro dela, é impossível dizer<sup>29</sup>.

O acordeão foi, então, sem qualquer contato visível, novamente tomado da mão do Sr. Home; ele a removeu inteiramente [do acordeão] e colocou-a sobre a mesa, onde foi tomada pela pessoa próxima a ele, e foram vistas, então, ambas as mãos dele por todos os presentes. Eu e dois dos outros presentes vimos o acordeão nitidamente

flutuando dentro da gaiola sem qualquer sustentação visível. Isso foi repetido uma segunda vez após breve intervalo. Em seguida o Sr. Home reinseriu sua mão na gaiola e novamente segurou o acordeão. Este, então, começou a tocar, em princípio acordes e escalas, e depois uma suíte bem conhecida e melodia lamuriosa, a qual executou perfeitamente de uma forma muito bonita. Enquanto esta peça estava sendo executada, eu segurei o braço do Sr. Home, abaixo do cotovelo, e escorreguei suavemente a minha mão para baixo até tocar o topo do acordeão. Ele não estava movendo um músculo sequer. A outra mão dele estava sobre a mesa, visível a todos, e os pés dele estavam debaixo dos pés daqueles próximos a ele<sup>30</sup>.

Tendo nos deparado com esses resultados notáveis nos experimentos com o acordeão na gaiola, passamos para o aparato da balança já descrito. O Sr. Home colocou suavemente as pontas dos dedos na extremidade final da tábua de mogno que estava apoiada no suporte, enquanto o Dr. Huggins e eu nos sentamos, um em cada lado deste [suporte], observando qualquer efeito que fosse produzido. Quase imediatamente o ponteiro da balança foi visto descer. Depois de poucos segundos subiu novamente. Esse movimento foi repetido diversas vezes, como se [provocado] por ondas sucessivas de Força Psíquica. A extremidade da [p. 21] tábua foi observada oscilando lentamente para cima e para baixo durante o experimento.

O Sr. Home, então, por iniciativa própria pegou um pequeno sino e uma pequena caixa de fósforos de papelão que estavam por perto e colocou um debaixo de cada mão para nos satisfazer, como ele disse, de que não estava produzindo pressão para baixo (ver Fig. 3). A oscilação bem lenta da balança de mola tornou-se mais acentuada e o Dr. Huggins, observando o índice, afirmou tê-lo visto descer até 6 ½ lbs. Como o peso normal da tábua assim suspensa era de 3 libras, a pressão adicional para baixo foi, então, de 3 ½ lbs. Ao olharmos logo em seguida no registro automático, vimos que o índice havia uma vez descido até 9 lbs, demonstrando uma pressão máxima de 6 libras sobre uma tábua cujo peso normal era de 3 lbs.

Para ver se era possível produzir tanto efeito na balança de mola por pressão no local onde os dedos do Sr. Home estavam, eu pisei em cima da mesa e fiquei em um pé só na extremidade da tábua. O Dr. Huggins, que estava observando o índice da balança, disse que o peso total do meu corpo (140 lbs), assim aplicado, somente baixou o índice 1 ½ lbs ou 2 lbs quando eu me movi para cima e para baixo. O Sr. Home estivera sentado em uma poltrona baixa e não poderia, portanto, mesmo se tivesse tentado ao máximo, ter exercido qualquer influência material sobre esses resultados. É quase desnecessário acrescentar que os pés dele eram observados de perto por todos os que estavam na sala.

Esse experimento parece a mim mais surpreendente, se possível, do que aquele com o acordeão. Como poderá ser visto no recorte (Fig. 3), a tábua foi disposta exatamente na horizontal, e foi particularmente observado que os dedos do Sr. Home não estiveram, em momento algum, mais [afastados] do que a 1 ½ polegadas da extremidade, como mostrado por uma marca de lápis que, com a aquiescência do Dr. Huggins, eu fiz naquele momento. Logo, tendo o pé de madeira também 1 ½ polegadas de largura e permanecendo plano sobre a [p. 22] mesa, é evidente que nenhuma intensidade de pressão exercida nesse espaço de 1 ½ polegadas poderia produzir qualquer ação sobre a balança. Além disso, é também evidente que quando a extremidade mais distante do Sr. Home descesse, a tábua iria se inclinar como se a borda desse pé [estivesse] sobre um fulcro. O arranjo era conseqüentemente algo como uma gangorra<sup>31</sup> de 36 polegadas de comprimento, o fulcro estando a 1 ½ polegadas da extremidade; se ele tivesse, portanto, exercido uma pressão para baixo, esta seria em oposição à força que estava fazendo com que a outra extremidade da tábua se movesse para baixo.

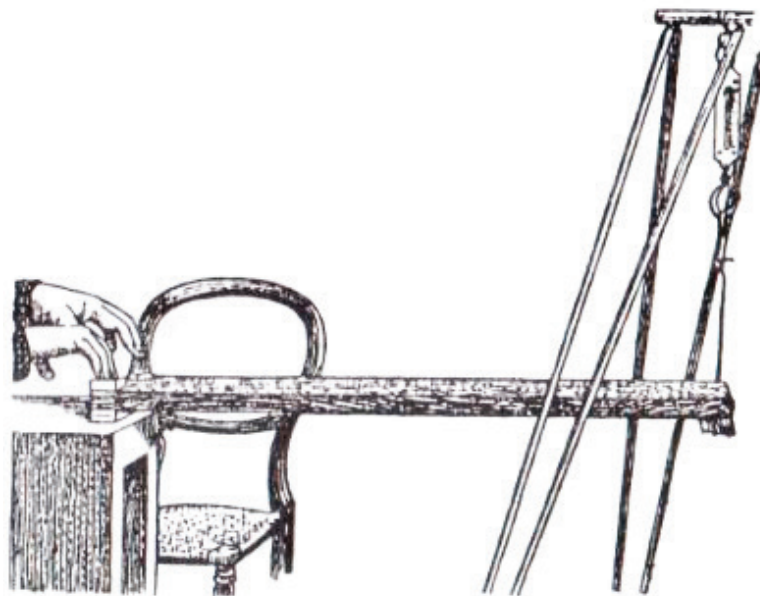


FIG. 3.

Figura 3 – Dispositivo para medir alteração de peso da tábua.

Fonte: CROOKES, 1953 [1874], op. cit., p. 22.

112

A leve pressão para baixo mostrada pela balança quando eu fiquei de pé sobre a tábua, provavelmente, se deveu ao meu pé se estender além desse fulcro.

Apresentei agora uma descrição fiel, completa dos fatos, a partir de notas copiosas tomadas no momento em que as ocorrências tiveram lugar e transcritas em totalidade imediatamente em seguida. De fato, seria fatal para o [p. 23] objetivo que tenho em vista – quer seja estimular a investigação científica desses fenômenos – se eu exagerasse mesmo que pouco; porque ... o Dr. Huggins ... representa um poder no mundo científico que certamente iria me condenar se fosse provado que sou um narrador não confiável.

Confesso que estou surpreso e sofrendo com a timidez ou apatia demonstradas pelos homens da ciência em relação a esse assunto. Pouco tempo atrás, quando uma oportunidade para exame pela primeira vez se apresentou a mim, eu convidei alguns amigos cientistas para cooperação em uma investigação sistemática; mas logo eu percebi que formar um comitê científico para a investigação dessa classe de fatos estava fora de questão, e que devo me contentar em confiar nos meus próprios esforços, apoiados pela cooperação ocasional de uns poucos amigos cultos e cientistas que estivessem dispostos a acompanhar na investigação. Ainda sinto que seria melhor se esse comitê de homens conhecidos fosse formado, o qual encontraria o Sr. Home de forma honesta e sem preconceito, e eu com satisfação iria participar desse grupo; mas as dificuldades no caminho são grandes.

Um comitê de homens da ciência encontrou o Sr. Home há alguns meses em São Petesburgo. Eles realizaram apenas uma reunião, na qual resultados negativos ocorreram; e, com base nisso, publicaram um relato altamente desfavorável ao Sr. Home. A explicação para essa falha; *que é tudo do que o acusam*, me parece bastante simples. Qualquer que seja a natureza do poder do Sr. Home, este é muito variável e às vezes totalmente ausente. É óbvio que o experimento russo foi realizado quando a força estava em um mínimo. O mesmo tem frequentemente ocorrido em minha própria experiência. Um grupo de homens da ciência encontrou o Sr. Home em minha casa e os resultados foram tão negativos quanto aqueles em São Petesburgo. Contudo, ao invés de abandonarmos a investigação, nós pacientemente repetimos a tentativa uma segunda e uma terceira vezes, quando obtivemos resultados que foram positivos. [p. 24].

Essas conclusões não foram derivadas apressadamente ou com base em evidências insuficientes. Embora o espaço permita apenas a publicação de detalhes de uma tentativa, deve ser claramente compreendido que há algum tempo tenho realizado experimentos similares e com resultados equivalentes. A reunião na ocasião aqui descrita teve como propósito confirmar observações prévias com a aplicação de testes cruciais, aparatos cuidadosamente arranjados e na presença de testemunhas irretocáveis.

Em relação à causa desses fenômenos, a natureza da força, à qual, para evitar perífrases, usei dar o nome de Psíquica, e a correlação existente entre aquela e as outras forças da natureza, seria errado arriscar a mais vaga hipótese. De fato, em pesquisas conectadas tão intimamente com condições fisiológicas e psicológicas raras, é dever do pesquisador se abster totalmente de elaborar teorias até que tenha acumulado um número suficiente de fatos para formar uma base substancial sobre a qual raciocinar. Na presença de fenômenos estranhos, como [fenômenos] ainda não explorados ou explicados, que se seguem uns aos outros em rápida sucessão, eu confesso ser difícil evitar revestir seus relatos de uma linguagem de caráter sensacional. Mas, para ter sucesso, uma pesquisa desse tipo deve ser realizada pelo filósofo sem preconceito e sem sentimento. Ideias românticas e supersticiosas devem ser completamente banidas, e os passos dessa investigação devem ser guiados pelo intelecto, tão frio e desapassionadamente como os instrumentos que ele usa. Uma vez tendo satisfeito a si próprio de que está no caminho de uma nova verdade, aquele simples objetivo deveria animá-lo a continuar sem levar em conta se os fatos que ocorrem diante de seus olhos são "naturalmente possíveis ou impossíveis".

---

Desde quando esse artigo estava em tipo o Autor foi agraciado com as seguintes cartas do Dr. Huggins e do Sr. *Serjeant Cox*: [p. 25]

Upper Tulse Hill, S. W.

9 de junho de 1871.

CARO SR. CROOKES, - Sua prova me parece conter uma descrição correta do que ocorreu em minha presença em sua casa. Minha posição na mesa não me permitiu ser testemunha da retirada da mão do Senhor Home do acordeão, mas isso foi declarado como o ocorrido naquele momento pelo senhor mesmo e pela pessoa que estava sentada do outro lado do Sr. Home.

Os experimentos me parecem demonstrar a importância de investigações adicionais, mas desejo que seja compreendido que não expresse qualquer opinião quanto à causa dos fenômenos que ocorreram.

Sinceramente,

WILLIAM HUGGINS

Wm. Crookes, Esq., F.R.S.

---

Russel Square, 36.

8 de junho de 1871.

Meu Caro Senhor, \_ Estando presente para o propósito de escrutínio no teste dos experimentos relatados nesse artigo, eu prontamente dou meu testemunho da perfeita precisão de sua descrição dos mesmos e do cuidado e precaução com que os vários testes cruciais foram aplicados.

Os resultados me parecem conclusivamente estabelecer o fato importante de que há uma força procedente do sistema nervoso capaz de transmitir movimento e peso a corpos sólidos dentro de sua esfera de influência.

Notei que a força foi exibida em pulsações trêmulas e não na forma de pressões estáveis contínuas, o indicador subindo e descendo incessantemente ao longo do experimento. Esse fato me parece ser de grande significado, como tendendo a confirmar a opinião que atribui sua fonte à organização nervosa, e [proporciona] avanço para estabelecer a importante descoberta do Dr. Richardson [p. 26] a respeito de uma atmosfera nervosa de intensidade variada envolvendo a estrutura humana.

Seus experimentos confirmam completamente a conclusão à qual o Comitê de Investigação da Sociedade Dialética chegou, após mais de quarenta encontros para tentativas e teste.

Permita-me adicionar que eu não encontro evidência que sequer tenda a provar que essa força é outra se não uma força procedente ou diretamente dependente da organização humana, e, então, como todas as outras forças da natureza, totalmente dentro do domínio daquela investigação estritamente científica à qual o senhor foi o primeiro a submetê-la.

A Psicologia é um domínio da ciência tão ainda totalmente inexplorado, e à negligência desse [domínio] deve-se provavelmente atribuir o fato aparentemente estranho de que a existência dessa força nervosa deva ter permanecido não testada por tanto tempo, não examinada e quase não reconhecida.

Agora que está provado por testes mecânicos ser um fato na natureza (e, se um fato, é impossível exagerar sobre a sua importância para a fisiologia e para a luz que deve lançar sobre as leis obscuras da vida, da mente e da ciência da medicina), não pode falhar no que diz respeito a requerer o exame imediato e mais aprofundado, e a discussão por fisiologistas e por todos que tenham interesse naquele conhecimento do "homem", o qual tem sido verdadeiramente chamado "o estudo mais nobre da humanidade". Para evitar o aparecimento de qualquer conclusão precipitada, eu recomendaria a adoção de algum nome apropriado, e ousar sugerir que a força seja chamada de Força Psíquica; as pessoas nas quais é manifestado esse poder extraordinário, Psíquicos; e a ciência relacionada a isso Psiquismo, como um ramo da Psicologia.

Permita-me, também, propor a formação imediata da Sociedade de Psicologia, intencionalmente para a promoção, por meio de experimento, artigos e discussão, do estudo daquela até então negligenciada Ciência – Sou, & c.,

Edwd Wm. Cox.

To W. Crookes, Esq., F.R.S.

## Considerações finais

A análise dos trabalhos de William Crookes e de outros pesquisadores sobre fenômenos espiritualistas permite conjecturas interessantes sobre episódios peculiares da História da Ciência. Particularmente, a respeito das investigações de Crookes um estudo historiográfico nos leva a mais dúvidas do que a convicções<sup>32</sup>.

Sob alguns aspectos, Crookes seguiu procedimentos esperados em uma pesquisa científica. Nota-se que ele estava tentando obter evidências a respeito dos fenômenos espiritualistas. Suas investigações espiritualistas não eram tão "neutras" e cuidadosas quanto ele queria que acreditassem.

William Crookes, no entanto, poderia ter aperfeiçoado sua pesquisa e chegado a conclusões mais bem fundamentadas se a oposição ao seu trabalho não tivesse sido tão dura. Além disso, as falhas notadas não criam um abismo intransponível entre estudos aceitos como científicos e o estudo de Crookes sobre a força psíquica. Também na ciência "normal" o pesquisador costuma ser guiado por expectativas e não toma, nem pode tomar todos os cuidados necessários para evitar todo tipo de erro.

## Notas e referências bibliográficas

Juliana M. Hidalgo é bacharel em Física pela UNICAMP, mestre em História da Ciência e doutora em Filosofia pela PUC-SP. Atualmente é professora na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: [julianahidalgo@fisica.ufrn.br](mailto:julianahidalgo@fisica.ufrn.br)

- 1 Sobre esses episódios, sugere-se consultar: OPPENHEIM, J. *The other world: spiritualism and psychical research in England, 1850-1914*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985; SILVA, E. M. *O espiritismo no século XIX: reflexões teóricas e históricas sobre correntes culturais e religiosidade*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1997; FERREIRA, J. M. H. *Estudando o invisível: William Crookes e a nova força*. São Paulo: EDUC, 2004.
- 2 Ver, por exemplo: FODOR, N. *Encyclopedia of psychic science*. London: Arthur's Press, 1934; MEDHURST, R.; GOLDNEY, K. William Crookes and the physical phenomena of mediumship. *Proceedings of the Society for Psychical Research*, v. 54, p. 25-157, 1964; OPPENHEIM, 1985, op. cit.; STEIN, G. *The sorcerer of kings: the case of Daniel Dunglas Home and William Crookes*. Buffalo, NY: Prometheus, 1993; FERREIRA, 2004, op. cit.
- 3 Sobre a vida e a carreira de Crookes, sugere-se consultar: D'ALBE, E. E. F. *The life of Sir William Crookes*. London: T. Fisher Unwin, 1923; GREENAWAY, F. A Victorian scientist: the experimental researches of Sir William Crookes (1832-1919). *Proceedings of the Royal Institution of Great Britain*, v. 39, p. 172-98, 1962.
- 4 A correspondência entre William Crookes e Gabriel George Stokes está localizada na seção de manuscritos da *Cambridge University Library*, sob a classificação geral Mss. Add. 7656c: carta de Crookes a Stokes, 16/06/1871, Mss. Add. 7656 c 1066; carta de Stokes a Crookes, 19/06/1871, Mss. Add. 7656 c 1067.
- 5 CROOKES, W. Spiritualism viewed by the light of modern science. *Quarterly Journal of Science*, n.7, p. 316-322, 1870.
- 6 CROOKES, W. Experimental investigation of a new force. *Quarterly Journal of Science*, n. 1, p. 339-349, 1871.
- 7 Em 1889, Crookes publicou nos *Proceedings of the Society for Psychical Research* relatos de sessões realizadas com o médium Daniel Home. Em 1972, esses relatos foram novamente publicados, em conjunto com outros relatos oriundos das anotações pessoais do cientista (em MEDHURST; BARRINGTON, 1972, op. cit., p. 147-211).
- 8 CROOKES, W. *Researches in the phenomena of spiritualism* [1874]. London: J. Burns, 1953. Contém os artigos "Spiritualism Viewed by the Light of Modern Science", "Experimental Investigation of a New Force", "Some Further Experiments on Psychic Force", "Psychic Force and Modern Spiritualism" e "Notes of an Enquiry into the Phenomena called Spiritual during the years 1870-73", publicados por William Crookes no *Quarterly Journal of Science* entre 1870 e 1874. Inclui, também, os artigos "Miss Florence Cook's Mediumship", "Spirit-Forms" e "The Last of Katie King – The Photographing of Katie King by the aid of the Electric Light", publicados pelo cientista no periódico *The Spiritualist* em 1874.
- 9 MEDHURST; BARRINGTON, 1972, op. cit.
- 10 Traduzido a partir de reprodução do original em CROOKES, 1953 [1874], op. cit. p. 7-13.
- 11 Sinalização da paginação original, padrão seguido daqui em diante.
- 12 [Tradução da nota de rodapé original] *The Athenaeum*.
- 13 Na década de 1850, Agénor Étienne, o Conde de Gasparin (1810 –1871), realizou investigações sobre fenômenos espiritualistas que influenciaram William Crookes. Ver GASPARIAN, A. *Des Tables Tournantes: du Surnaturel en Général et des Esprits*. Paris: E. Dentu, 1854.
- 14 [Tradução da nota de rodapé original] Para ser justo com o assunto, devo afirmar que ao repetir essas considerações para alguns dos "espiritualistas" mais proeminentes e "médiums" mais confiáveis da Inglaterra, eles expressaram total confiança no sucesso da investigação, se honestamente conduzida de acordo com a disposição aqui exemplificada; e eles se ofereceram para me assistir com o máximo empenho de suas habilidades, colocando seus peculiares poderes ao meu dispor. Até onde procedi, devo por bem acrescentar que os testes preliminares foram satisfatórios [essa nota de rodapé foi suprimida na reprodução do artigo contida em CROOKES, 1953 [1874], op. cit. sendo aqui traduzida a partir de MEDHURST; BARRINGTON, 1972, op. cit., p. 19].
- 15 Crookes parecia fazer questão de frisar que chegar à conclusão de que os fenômenos existiam não significava, necessariamente, aceitar as explicações espiritualistas. No entanto, trechos de um diário mantido pelo cientista numa viagem por volta de dezembro de 1870 parecem caracterizá-lo como um espiritualista convicto já na época da publicação desse artigo. Para a transcrição do diário ver D'ALBE, 1923, op. cit., p. 139-73.
- 16 O presente parágrafo e poema foram suprimidos na reprodução do artigo contida em CROOKES, 1953 [1874], op. cit. sendo traduzidos aqui a partir de MEDHURST; BARRINGTON, 1972, op. cit., p. 20.
- 17 O presente parágrafo e poema foram suprimidos na reprodução do artigo contida em CROOKES, 1953 [1874], op. cit. sendo traduzidos a partir da versão exibida em MEDHURST; BARRINGTON, 1972, op. cit., p.21.
- 18 Traduzido a partir de reprodução do original em CROOKES, 1953 [1874], op. cit., p. 14-26.
- 19 [Tradução da nota de rodapé original] Veja *Quarterly Journal of Science*, vol. vii, p. 316, Julho, 1870.
- 20 Quanto à expressão "cuidadosos testes científicos experimentais" alguns pontos demandam atenção. Embora o artigo *Spiritualism Viewed by the Light of Modern Science* exaltasse o uso de instrumentos na averiguação dos fenômenos, as anotações pessoais de Crookes sugerem que poucos foram os testes com dispositivos nas investigações. Em sessões não ocorridas na casa do próprio pesquisador, a utilização de dispositivos experimentais era ainda mais reduzida, o que poderia suscitar críticas de que certos fenômenos não passariam de mera impressão subjetiva. Há reuniões em que alterações de peso de mesas foram descritas sem o uso de balanças. E, quando decidiu testar esses efeitos na presença de Daniel Home, Crookes o fez com pequenas balanças portáteis, de modo idêntico ao realizado em sessões nas quais Home tomara parte quase vinte anos antes (ver a autobiografia do médium: HOME, D. D. *Incidents in my life*. [1864]. Alexandria, Virginia: Time Life Books Inc, 1991, p. 46-7).
- 21 Nas ocasiões em que publicou seus resultados, Crookes pareceu fazer questão de ratificar que as condições de iluminação eram boas nas sessões. No entanto, certas passagens das anotações pessoais do pesquisador sugerem que nem todos os acontecimentos podiam ser tão bem visualizados quanto apregoavam os artigos (anotações pessoais reproduzidas em MEDHURST; BARRINGTON, 1972, op. cit., p. 147-211). Nessas condições, as formas de

evitar possíveis tentativas de fraudes ou mesmo ações inconscientes dos presentes podem ser consideradas frágeis se comparadas ao modo sofisticado como Crookes procurava impedir a atuação de agentes indesejáveis (como correntes de ar) no estudo do efeito radiométrico, na mesma época. É provável que Crookes não tivesse a liberdade de realizar tantas modificações nos experimentos ou variações de condições em que os fenômenos ocorriam quanto no caso de seus outros estudos. Há evidências nas anotações de que havia certo interesse por parte do cientista em estudar a influência de diferentes tipos de iluminação no comportamento da força psíquica. No entanto, as inteligências que se identificavam como espíritos não permitiam a realização de muitos testes neste sentido sob a alegação de que o médium se sentia mal.

- 22 Baterias elétricas.
- 23 Nas anotações pessoais de William Crookes, ao contrário do que se poderia esperar, não se nota um caminho que tenha levado o pesquisador a sugerir esse experimento. Nada há sobre experimentos com tábuas ou mecanismos do tipo “gangorra”. Aliás, os relatos mostram que não era comum utilizar dispositivos para testes, sendo a atitude do cientista mais de observador do que de experimentador. Nessas anotações, o experimento para estudar a alteração do peso da tábua é registrado em uma única sessão isolada, tornando possível pensar que Crookes poderia estar repetindo testes já realizados por alguém. De fato, esse parece ter sido o caso. *Anteriormente*, nos Estados Unidos, o químico Robert Hare havia *progressivamente* realizado modificações em instrumento para obter comunicações espirituais (HARE, R. *Experimental investigation of the spirit manifestations*. New York: Partridge & Brittan, 1855). O resultado foi um dispositivo *idêntico* ao que seria posteriormente relatado por Crookes. Importante apontar, ainda, que outras modificações posteriores realizadas por Crookes, publicadas no artigo *Further Experiments on Psychic Force*, também em 1871, são idênticas às realizadas anteriormente por Robert Hare. Nessa ocasião, Crookes deu a entender que *eventualmente* os dois *chegaram* a montagens semelhantes (CROOKES, W. Some further experiments on psychic force. *Quarterly Journal of Science*, n. 1, p. 471-93, 1871). Considerando a possibilidade de que Crookes estivesse repetindo o experimento de Hare é possível que a ideia de realizá-lo tenha partido do médium Daniel Home. Este último provavelmente estava a par das investigações realizadas por Hare no início da década de 1850, já que morava nos Estados Unidos naquela época e mantinha ligações estreitas com a comunidade espiritualista americana. Neste caso, Home estava tão disposto a cooperar com as investigações que sugeria experimentos que considerava importantes, ou, se sua intenção fosse praticar alguma fraude, sugeria experimentos para os quais truques estavam sendo aprimorados há muito tempo.
- 24 Repetindo ou não os experimentos de Hare, o fato de experimentos semelhantes terem sido realizados anteriormente enfraquece o argumento utilizado para defender que Home não havia cometido fraude. Crookes alegou que o teste não foi explicado ao médium antes do início da sessão. No entanto, é bem provável que o médium já o conhecesse.
- 25 Não há indicações de que os observadores eram revistados antes do início das reuniões, possivelmente porque isso causaria constrangimento ou sugeriria que Crookes duvidava da honestidade de pessoas de elevada distinção social. A própria averiguação de que Home não escondia algo sob a roupa é narrada como um procedimento não usual. Teria decorrido da mera casualidade de encontrá-lo aliada a uma sugestão do próprio médium. Tal atitude, entretanto, parece contrastar diretamente com procedimentos mais rigorosos que, no artigo *Spiritualism Viewed by the Light of Modern Science*, Crookes apresentava como essenciais para a condução das pesquisas psíquicas.
- 26 O termo *Serjeant-at-Law* referia-se a um advogado com atribuição de destaque, sendo a única categoria cuja atuação era permitida em determinadas cortes inglesas.
- 27 [Tradução da nota de rodapé original] Pega mal para a alegada liberdade de opinião entre os homens da ciência que por tanto tempo se tenha recusado a instituir uma investigação científica sobre a existência e a natureza de fatos afirmados por tantas testemunhas competentes e confiáveis, [fatos] os quais estão livremente convidados para examinar quando e onde lhes aprouverem. Da minha parte, eu valorizo muito a busca da verdade e a descoberta de qualquer fato novo na natureza para evitar pesquisar porque isso parece colidir com as opiniões prevalecentes.
- 28 No artigo, pode-se perceber a supressão de pormenores que caracterizariam uma sessão espiritualista usual e eventualmente seriam capazes de desvalorizar as observações. Em suas anotações, Crookes relatou que durante a sessão de testes a toalha da mesa esteve sempre dobrada para cima, na parte logo à frente do médium (MEDHURST; BARRINGTON, 1972, op. cit. p. 172). É estranha a permanência de uma toalha sobre a mesa, já que isso poderia prejudicar a visualização do que ocorria debaixo dela. No artigo, nem sequer é mencionada a existência da toalha; esta é omitida, também, na figura que mostra a posição de Home durante o experimento do acordeão. A colocação de uma toalha sobre a mesa era frequente em sessões comandadas por médiuns e, caso esta condição tivesse sido solicitada por Home ou pelas mensagens espirituais, mencionar este detalhe poderia levar o leitor a associar a reunião onde foram realizados os experimentos a uma reunião espiritualista usual. Relatos do pesquisador Lord Adare a respeito de suas investigações com o médium Daniel Home, em 1869, demonstram que a colocação da toalha era solicitada pelas mensagens espirituais nas sessões com o médium (ADARE, V. *Experiences in spiritualism with D. D. Home* [1869]. New York: Arno Press, 1976). Como Crookes parecia preocupado em mostrar-se no comando dos procedimentos, frisar que o médium não exigia o cumprimento de condições especiais e que as condições de visualização eram boas, seria bastante prudente, o que explicaria a omissão deste detalhe.
- 29 Os trechos do artigo que relatam a conexão das baterias são idênticos aos encontrados nas anotações pessoais do pesquisador. No entanto, as conclusões sobre se a corrente favorecia ou não o fenômeno são bastante diferentes. Enquanto o artigo registra que não foi possível dizer se a eletricidade auxiliava a manifestação dentro da gaiola, nas anotações encontramos a seguinte declaração do próprio pesquisador: “Notei aqui que a corrente elétrica passando em volta da gaiola *certamente* parecia ajudar [...]”. Nas mesmas anotações, entretanto, Crookes afirma que, após ter dito isso, uma nova mensagem espiritual foi recebida: “Podemos ver isto, mas não nos ajuda” (MEDHURST; BARRINGTON, 1972, op. cit., p. 174). Assim, é provável que a mensagem supostamente enviada por espíritos tenha exercido influência na conclusão publicada pelo cientista.
- 30 O artigo trouxe, apenas, parte do ocorrido na sessão que lhe deu origem (ver relato em MEDHURST; BARRINGTON, 1972, op. cit., p. 172-5). Logo no início da noite, batidas provenientes de diferentes partes da mesa foram ouvidas, e esta, por sua vez, se moveu em várias direções. Não se pode dizer exatamente por quê o pesquisador omitiu tais informações, mas é possível que a explicação para a sua atitude resida no fato de que esses fenômenos poderiam sugerir a ocorrência de manifestações de espíritos. Por outro lado, é possível também que ele quisesse mencionar apenas os fenômenos testados. O próprio Crookes pode ter dado sua justificativa para a omissão de certos fenômenos como batidas ou movimentos insignificantes de mesas. Na introdução às sessões que publicou e também numa carta ao astrônomo William Huggins, Crookes revelou considerá-los de “baixa categoria”, pois poderiam ser frutos de ações inconscientes dos médiuns (transcrições em MEDHURST; BARRINGTON, 1972, op. cit., p. 148 e 158). As anotações pessoais de Crookes também relatam que pessoas presentes à sessão teriam sentido um ar frio sobre suas mãos, seus pés tocados e cadeiras movidas. Já que não parecem se encaixar no que para o cientista seria um fenômeno de baixa categoria, essas ocorrências foram omitidas no artigo, provavelmente, porque poderiam sugerir manifestações de espíritos. De fato, a sensação de um ar frio, parece frequentemente ser associada na literatura espiritualista à presença dessas entidades. O artigo *Experimental Investigation of a New Force* também não faz referência a supostas comunicações com espíritos na sessão. Nos relatos pessoais de Crookes registra-se, por exemplo, o questionamento de um espírito acerca de sua capacidade de tocar o

acordeão. Assim, parece que o cientista teria descartado na redação do artigo indícios da possibilidade de haver algum espírito atuando sobre o acordeão, isto é, instâncias que corroborariam a interpretação espiritualista. Contudo, pode-se constatar, a partir da análise de suas anotações pessoais, que ele não parecia dar tão pouca importância assim a essas comunicações. Sua opinião sobre o efeito da passagem de corrente elétrica parece ter sido influenciada pelo teor dessas comunicações o que sugere que ele as levava a sério. Assim, não parece ser razoável tê-las omitido nos artigos. Outras passagens de suas anotações pessoais sugerem que o pesquisador acreditava na comunicação com os espíritos e atendia às solicitações das mensagens. Várias delas, se reveladas, poderiam servir de fomento para que o acusassem de não estar no comando da situação (MEDHURST; BARRINGTON, 1972, op. cit., p. 178-84): “Perguntei se poderia pesar a mesa [...]” — “Sim”. “Batidas aconteceram e veio uma mensagem indicando que a luz devia ser acesa.” “Todas as mãos, exceto as de Dan fora da mesa.” “[...], nos sentamos como mandaram.”

31 Crookes utilizou o termo “gangorra” em referência à montagem. Esse mesmo termo havia sido utilizado por Hare.

32 Uma análise aprofundada sobre o assunto pode ser consultada em FERREIRA, 2004, op. cit.